

BRIAN GODAWA

Cinema e Fé Cristã

vendo filmes com sabedoria e discernimento

TRADUÇÃO

Jarbas Aragão



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Em memória de
Francis A. Schaeffer e H. R. Rookmaaker,
que me ensinaram a perceber as visões de mundo
apresentadas pela arte.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	13
Parte 1: Histórias nos Filmes	
1. Histórias e mitologia	25
2. Redenção	45
Parte 2: Visões de Mundo nos Filmes	
3. Existencialismo	61
4. Pós-modernismo	89
5. Outras visões de mundo	115
Parte 3: Espiritualidade nos Filmes	
6. Cristianismo	139
7. Anjos e demônios, céu e inferno	153
8. Fé	169
<i>Conclusão: Vendo filmes de olhos bem abertos</i>	189
<i>Apêndice 1: Sexo, violência e linguagem obscena na Bíblia</i>	201
<i>Apêndice 2: A Paixão de Cristo</i>	225
<i>Notas</i>	239

PREFÁCIO

EU SOU UM ROTEIRISTA. Trabalho com roteiros há mais de 12 anos e, ao longo desse período, já ganhei vários prêmios como roteirista e opções de *script*.¹ Escrevo histórias que me interessam, histórias que me comovem, como a que adaptei para o filme *To End All Wars* [O fim de todas as guerras].² O que tenho dito sobre a arte e a indústria cinematográfica é resultado de minha experiência como escritor trabalhando nesse meio.

Todo filme é resultado da colaboração de centenas de pessoas. Elas são responsáveis em diferentes níveis pelo resultado final do filme: sua aparência, seu sentimento, seu visual, som e impacto dramáticos. Do organizador do set até os diretores, passando pelos atores, equipe de produção e auxiliares, um filme não seria o que é sem que todos estivessem envolvidos no processo. Dezenas de indivíduos afetam seu conteúdo, desde o autor até o diretor, passando pelo produtor e os executivos que supervisionam o projeto. Sem dúvida, cada uma dessas pessoas tem uma maneira única de ver o

que é importante em um filme, mas todas concordariam que a história é o mais importante. Se você não tem uma boa história, não terá um bom filme, não importa quem esteja atuando, cuidando da iluminação, dirigindo ou produzindo o filme em questão. Se a história não funciona, o filme não dá certo.

É o autor que forja a história desde o seu início. Outras pessoas que trabalham no filme exercitam sua arte para dar vida a algo que já existe: o *script*. Somente o autor pode olhar para uma folha em branco e criar *ex nihilo* — a partir do nada. Seja escrevendo um *script* “de risco”³ ou adaptando um livro ou idéia de outra pessoa, o autor do roteiro deve encontrar o coração e a alma da história e capturar de maneira dramática a narrativa e os diálogos. Tudo começa e termina na história. A iluminação, a produção, a direção, a atuação e o estilo visual são partes importantes do processo, mas todos servem à história — porque a história é o mais importante. Nesse sentido, todos os que participam da produção de um filme (não apenas o autor) são contadores de histórias.

Foi essa importância primária da história que originalmente me atraiu para os filmes. Existe algo em uma boa história que me faz sentar e prestar atenção: a captação da narrativa, o magnetismo do drama, a curiosidade de personagens interessantes e o significado de tudo isso. Não é surpresa que Jesus tenha usado parábolas e histórias para ilustrar suas lições e explicar a natureza inexplicável do reino de Deus aos seus seguidores. Uma história nos capacita a entender uma realidade transcendente que não seríamos capazes de perceber de outra maneira, com a mera abstração racional. O drama dá vida às questões cotidianas.

Grandes filmes são como sermões narrativos. Imaginar heróis simpáticos passando pelas suas experiências seguidamente tem mais impacto em minha vida do que um argumento abstrato rigorosamente pensado. Observar Eric Liddell correr em nome de Deus no filme *Carruagens de Fogo* leva-me a perceber que viver para Deus sem fazer concessões vale muito mais do que aquilo que o mundo oferece. Aliviar os dilemas do capitão John Miller e seus homens em *O Resgate do Soldado Ryan* me lembra de agradecer por aqueles se sacrificaram pela preciosa liberdade que posso desfrutar. Esses

filmes (e outros) me forçam a reavaliar minha vida para que eu não venha a me acomodar com uma melancolia de autodescoberta. Lembro-me de alguns filmes mais do que da maioria dos sermões que ouvi, provavelmente porque eles colocam “carne” no “esqueleto” das idéias abstratas sobre como a vida deveria ou não deveria ser vivida.

É por isso que me envolvi com filmes e agora escrevo a respeito deles. Desde a comédia mais engraçada até a tragédia mais triste, os filmes prendem a nossa imaginação, mas também apresentam valores e visões de mundo que admiramos (ou detestamos). Meu objetivo é ajudar aqueles que gostam de ver filmes a discernir as idéias que levam ao desfecho da história e a perceber como elas influenciam a maneira como vivemos nossa vida — entender a história que está *por trás* da história.

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas pela ajuda em trabalhar o texto original deste livro: Kim, minha amada esposa, por toda a sua paciência e apoio; Ken Gentry, meu gracioso consultor de teologia; Aaron Bradford, meu astuto consultor de filosofia transcendental; David Zimmerman, meu divertido e controlado editor; Shari Risoff, minha companheira de escrita e cunhada; Eric e Laura Baesel, meus companheiros de cinema; Tal Brooke, um poderoso guerreiro da caneta; Melanie Cogdill, poderosa editora e fã de cinema; Stephen Ross, pesquisador; Jim Womer, o mestre das histórias; Rich Knox, meu amigo de toda a vida; e, como sempre, Joe.

Um obrigado muito especial aos responsáveis pelo banco de dados sobre cinema na Internet <www.imdb.com> pelas informações indispensáveis sobre estrelas de cinema.

INTRODUÇÃO

"OS FILMES CORROMPEM OS VALORES DA SOCIEDADE."

"HÁ EXCESSO DE CENAS DE SEXO E VIOLENCIA."

"ELES SÃO MUNDANOS E UMA PERDA DE TEMPO."

Estas são apenas algumas das frases repetidas por muitas pessoas hoje em dia que se preocupam com a nossa cultura. Nossa psique cultural tem sido prejudicada pela decadência de Hollywood e seu incansável desvio dos padrões que consideramos "decentes". Mas esses sentimentos apresentam uma mescla dissoluta de verdade e mentira. Eles perdem de vista não apenas os valores positivos que *existem* em muitos filmes, mas também aqueles que simplesmente se mantêm alheios à nossa cultura devido à sua imperfeição, a uma decrescente capacidade de interagir de maneira redentora com essa cultura. Esses "críticos de cinema" não entendem a maneira como as outras pessoas pensam porque não estão familiarizados com a "linguagem" ou a cultura dessas pessoas. O resultado é a formação de uma barreira de comunicação. Assim, as pessoas que

se abstêm da cultura freqüentemente acabam sendo tomadas pela irrelevância e pela alienação em relação aos outros. Chamo esse tipo de percepção artística de *anorexia cultural*.

Mas os anoréxicos culturais também põem em perigo a sua própria humanidade. As artes (das quais os filmes fazem parte) são meios dados por Deus para expressarmos a nossa humanidade. A criação da arte, embora prejudicada ou imperfeita, reflete a criatividade e a beleza do nosso Criador. Rejeitar completamente qualquer uma das artes é rejeitar a *imago Dei*, isto é, a imagem de Deus na humanidade. Embora tenhamos caído, e nossa arte tenha sido afetada pela queda, continuamos sendo seres criados à imagem de Deus e, portanto, nossas criações continuam a refletir o nosso Criador. Como Francis Schaeffer gostava de dizer, essa imagem se revela mesmo que o artista procure escondê-la. Isso acontece porque toda verdade é, em certo sentido, a verdade de Deus, não importa quem a esteja anunciando: um profeta, um incrédulo ou uma mula.

Algumas vezes, as mentiras mais vis são expressas por aquilo que chamamos de "cultura cristã". Por exemplo, a oratória dramática dos púlpitos freqüentemente acaba infectada pela heresia, e o testemunho público com muita freqüência tende ao sensacionalismo. Os filmes cristãos, embora sinceros e bem-intencionados, muitas vezes revelam um exagero em seu desejo de converter os incrédulos por meio da arte. Em vez de tentar permanecer fiel às ambigüidades e problemas da realidade ou propor as perguntas certas aos espectadores, sua ênfase exagerada nas respostas muitas vezes resulta em sermões vazios e na tendência ao lugar-comum. Sua autenticidade e integridade podem sofrer por causa da manipulação. O que deveria ser mais evitado: um filme pagão que parece verdade ou a propaganda "cristã" que soa falsa?

Mas há outra tendência que ocupa o extremo oposto do espectro. Trata-se da *glotonaria cultural*. Há pessoas que consomem arte popular de maneira muito passiva, sem discriminação. Algumas das frases geralmente ouvidas desses glutões culturais são:

"Eu só quero me divertir."

"Você não deveria levar isso tão a sério."

“É apenas um filme.”

Os glutões culturais preferem evitar a análise de filmes além de seu valor como diversão. Eles querem apenas sair de casa e se divertir durante duas horas em um outro mundo. Quando são desafiados pelos críticos culturais a discernir as mensagens contidas nos filmes, desdenham esse tipo de crítica, considerando-a excessivamente analítica ou uma tentativa infundada de procurar “mensagens ocultas”. E muitos produtores de cinema concordam com isso.

Uma das frases mais famosas de Samuel Goldwyn é: “Se você quer enviar uma mensagem, use os Correios”. O significado dessa máxima é que os filmes servem para divertir, não para transmitir pontos de vista pessoais, políticos, sociais ou religiosos. E muitos compartilham dessa maneira de ver as coisas. William Goldman, um ícone para os roteiristas (autor de *A Princesa Prometida* e roteirista de *Louca Obsessão*) anunciou: “Os filmes são, no final, no fundo, acima de tudo e principalmente *apenas* histórias”.¹

Sabedoria convencional e os ídolos populares: nada poderia estar mais próximo de uma meia verdade. Embora seja verdade que a história é o alicerce de um filme, um exame da arte e da estrutura da narrativa mostra que o poder de atração dos filmes não é simplesmente que eles são “boas histórias” de uma maneira indefinível, mas que essas histórias falam *a respeito de algo*. Elas narram os eventos em torno dos personagens, que vencem obstáculos para alcançar algum objetivo e, no processo, são confrontados com a necessidade pessoal de mudança. Em resumo, a narrativa de histórias nos filmes resume-se à *redenção*, isto é, à recuperação de algo perdido ou obtenção de algo necessário.

Eu proponho um complemento à tese de Goldman que daria um final mais preciso ao pensamento dele: os filmes podem ser basicamente histórias, mas essas histórias são no final, no fundo, acima de tudo e *quase sempre* a respeito da redenção.²

Visões de mundo

Toda religião e filosofia no final se resume a uma visão de mundo, como uma rede compreensível de crenças através das quais

interpretamos nossas experiências — essa é a nossa maneira de *ver o mundo*. O denominador mais comum de todas as religiões e maneiras filosóficas de ver o mundo é a crença de que algo está errado e existe uma maneira de corrigir isso.

Os seguidores do monismo acreditam que o universo, em essência, é uma coisa só. A humanidade não tem paz porque percebemos (de maneira falsa) uma distinção entre as coisas. Tal percepção de uma diferença é, e em si mesma, alienação. A redenção da humanidade, de acordo com os seguidores do monismo, é mudarmos essa percepção para que possamos ver todas as coisas como uma só. Quando fizermos isso, encontraremos a harmonia de que sentimos falta em nossa vida.

O filósofo racionalista acredita que nosso problema surge da irracionalidade. Se conseguíssemos nos alinhar novamente com os princípios lógicos, iríamos nos redimir da irracionalidade da emoção e a falta de confiança em nossos sentidos.

A visão cristã do mundo entende que a humanidade é pecaminosa e está alienada de nosso Criador, bem como dos demais seres humanos. Essa alienação nos expõe inevitavelmente à ira eterna de

Deus. A redenção no cristianismo é encontrada no sacrifício expiatório de um inocente (Cristo) no lugar dos culpados (pecadores), que pagou a penalidade do pecado (justiça) e reconcilia o pecador com Deus e com os outros (misericórdia).

As visões de mundo são, claro, mais complexas do que um simples parágrafo poderia descrevê-las. Alguém que deseja entender as nuances que formam as visões de mundo existentes deve se estender além dos limites deste livro.

Em uma visão de mundo ou sistema de crenças em particular a redenção é sua proposta de como consertar



Para um exame introdutório das diferentes visões de mundo, veja SIRE, James W. *O Universo ao Lado* (São Paulo: Editorial Press, 2001); e GEISLER, Norman L. e WATKINS, William. *Perspectives: Understanding and Evaluating Today's World Views* (San Bernardino: Here's Life, 1984); e visite <www.godawa.com>.

o que está errado conosco. A redenção inclui os valores sobre a maneira como as pessoas devem ou não viver e se comportar neste mundo. Se uma história trata de uma personagem que aprende que a mentira magoa outros e a família é mais importante do que a carreira (como ocorre em *O Mentiroso*, com Jim Carrey, 1997), então a mensagem redentora é que a alienação das pessoas é resolvida pela honestidade e pela família. Nós *deveríamos* fazer com que a família e a honestidade fossem mais importantes do que a carreira e o sucesso. Se uma história trata de criminosos espertos e sofisticados (como em *Onze Homens e um Segredo*, 2001), a mensagem redentora da história, por mais imoral que possa ser, se encaixa na percepção de criminosos: o crime compensa e a sofisticação é mais importante do que obedecer à lei.

Nos capítulos seguintes mostrarei que a maioria dos filmes mostra um personagem principal que busca um objetivo específico e, ao fazer isso, aprende algo sobre si mesmo e o mundo de uma maneira que inevitavelmente resulta na redenção de uma pessoa — ou ausência dela.³

Suspensão da descrença

Todos estamos bem conscientes da pergunta que perdura há séculos: a arte reflete ou influencia a sociedade? Defensores dos dois pontos de vista se dedicaram a essa discussão sobre reflexo/influência. Esse debate provavelmente persistirá até o dia do juízo final. Em seu livro *Hollywood Versus America*⁴, Michael Medved, crítico de cinema e analista de Hollywood, argumenta que os produtores *pretendem* influenciar o público por meio dos valores e dos personagens que interpretam na televisão e no cinema. A obra escrita por ele apresenta farta documentação e conclui que o entretenimento reforça certos valores em detrimento de outros, ou seja, aqueles que refletem a tendência atual da comunidade criativa.

Ele destaca a hipocrisia daqueles que estão envolvidos no negócio de criar sonhos que proclamam que os filmes não influenciam as crenças ou o comportamento enquanto cobram milhões de dólares para fazer publicidade, apresentar produtos e ainda recebem

prêmios e prestígio para promover as tendências de programas sociais. Sua tese é que, como muitos filmes não refletem os valores dominantes do público em geral e com freqüência se baseiam conscientemente em interesses financeiros, eles podem ser apenas tentativas deliberadas dos que estão interessados em influenciar a opinião pública.

Mas é igualmente verdade que muito do entretenimento se encontra com uma demanda já existente do público. E esse público nem sempre segue os padrões da moralidade tradicional. Uma espécie de instinto herdado continua guiando as massas para uma atração dos sentidos obscurecidos. As ações realmente falam mais alto do que as palavras, como os indicadores de bilheteria mostram com tanta freqüência.

A posição adotada neste livro é que os filmes *ao mesmo tempo* refletem e influenciam a sociedade. Um filme de Oliver Stone como *JFK, a Pergunta que não quer Calar* (1991) pode ser óbvio em sua intenção de divulgar uma percepção política, mas é igualmente um reflexo do que certos segmentos da população já acreditava. *Hannibal* (2001), a continuação de *O Silêncio dos Inocentes* (1991), certamente pode impor uma percepção moral em que um simpático canibal é retratado como herói, mas milhões de pessoas foram assisti-lo sabendo muito bem o que podiam esperar. Um filme como esse não poderia faturar mais de 160 milhões de dólares nas bilheterias se estivesse causando uma escandalosa ruptura moral e impondo isso a um público resistente a essas questões. O terreno já estava preparado no coração das pessoas. Caso contrário, elas não o apreciariam. O sucesso de *Hannibal* reflete uma sociedade que já está fascinada pelo mal.

Embora seja verdade que alguns filmes podem ser muito mais influentes do que outros, os espectadores deveriam entender o que estão consumindo e a natureza do que chamam de diversão. Não existe um pingo de ironia que a palavra *diversão* signifique "mudança de direção; desvio", a própria nomenclatura sugere "ilusão" ou "engano". Infelizmente, muitas vezes é isso que acontece quando as luzes se apagam e o filme começa a rodar. Suspendemos nossas descrenças e, junto com elas, nosso senso crítico.

Quando conhece um pouco sobre a arte de contar histórias, sua estrutura e natureza, o espectador comum pode ficar menos propenso a tratar essa ou aquela perspectiva como pura diversão. Ele passa a vê-la como realmente é: um meio de comunicar visões de mundo e valores com um olho na redenção. Esse conhecimento não precisa estragar a alegria do divertimento ou justificar a alienação total da cultura. Pelo contrário, pode aumentar a apreciação do espectador e afiar o seu discernimento. O objetivo dessa instrução é ajudar o leitor a alcançar um equilíbrio entre dois extremos: a anorexia cultural (rejeitar totalmente os filmes por causa dos seus aspectos negativos) e a glotonaria cultural (consumir filmes em demasia sem discernimento).

A intenção do autor e a resposta do leitor

O enfoque deste livro se baseia em meu envolvimento pessoal com filmes. Decidi me concentrar primordialmente nos filmes produzidos pela indústria cinematográfica americana nos últimos 15 anos. Os clássicos têm muito a oferecer em questões de análise, mas não os conheço tão bem. Por isso deixarei que outra pessoa explore seu conteúdo. Além disso, este livro faz poucas referências a filmes produzidos fora dos Estados Unidos e filmes “de arte”, pois eles não alcançam um público tão grande e seu efeito sobre a sociedade acaba sendo menor. Você pode considerar essa opção um ponto forte ou um ponto fraco da abordagem que propus.

Meu objetivo aqui é aumentar a apreciação da arte. Quero informar o leitor sobre a natureza da narração de histórias e analisar como as visões de mundo são comunicadas na maioria dos filmes de Hollywood. Assim, poderei contribuir com a habilidade do espectador de discernir as idéias que estão sendo comunicadas. À medida que os líderes afiam sua percepção dos filmes, eles tornam-se mais capazes de discernir as coisas boas das ruins e evitar os extremos da deserção (anorexia) cultural e da imersão (glotonaria) cultural.

A representação de sexo e violência nos filmes é uma preocupação legítima. Incluí um apêndice no final deste livro

que estabelece o alicerce para medir as questões apropriadas em relação à representação desses tópicos nos filmes, com base na maneira como sexo, violência e linguagem obscena aparecem nas telas. Se você se preocupa com essas questões, sugiro que leia o apêndice primeiro.

Na primeira parte do livro, "Histórias nos Filmes", estabeleço as bases para o discernimento ao discutir a natureza das histórias que são contadas, incluindo seus aspectos mitológicos, teológicos e sociológicos (veja o capítulo um), bem como os elementos estruturais que os roteiristas usam para escrever suas histórias (capítulo dois). Quando aprende como as histórias nos afetam e como os roteiristas praticam sua arte, o público leigo pode afiar sua apreciação pela arte dos filmes e discernir melhor como as idéias são comunicadas por meio desse tipo de narrativa.

Na segunda parte, "Visões de Mundo nos Filmes", apresento brevemente as filosofias que prevalecem no existencialismo (capítulo três) e no pós-modernismo (capítulo quatro) para que o espectador possa entendê-las quando as vir retratadas nos filmes atuais. Reviso uma série de filmes e como eles comunicam essas visões de mundo. Completo essa parte do livro com um exame rápido de outras visões de mundo, como o destino, o monismo, a evolução emergente e o neopaganismo (capítulo cinco), que também estão presentes nos filmes modernos.

Na terceira e última parte, "Espiritalidade nos Filmes", examino como os diferentes elementos do cristianismo são tratados nos filmes. Primeiro, analiso como os cristãos e a fé têm sido retratados de maneira positiva e de maneira negativa nos anos recentes (capítulo seis). Então discuto como os filmes lidam com anjos, demônios, céu e inferno (capítulo sete). Por último, investigo como os filmes tratam da natureza da fé por meio de três questões dominantes: fé *versus* provas, fé individual *versus* fé institucional e fé *versus* dúvida (capítulo oito).

Na conclusão, faço algumas sugestões para o leitor sobre como encorajar o diálogo na discussão de filmes, como evitar as reações extremadas de anorexia e glotonaria culturais, e como lidar com a questão bíblica do "irmão mais fraco" com relação a ver filmes.

Ao longo do texto o leitor encontrará aquilo que chamo de “dicas do diretor”. Essas dicas sugerem ao leitor acessar a internet e ler os artigos e textos que complementam este livro, juntamente com outros artigos gratuitos disponíveis online. Também recomendando livros que discutem as questões tratadas com mais detalhes. No final de cada capítulo, na seção que chamo de “assista e aprenda”, acrescento algumas sugestões de filmes para aplicação das lições que aprendemos naquele capítulo. Essa ação prática nos ajudará a desenvolver e aumentar o nosso discernimento.

Alerta honesto

O leitor deve estar ciente de que nas páginas seguintes mostro reviravoltas na narrativa e faço revelações sobre personagens de filmes específicos. Infelizmente, isso é inevitável porque muito da visão de mundo e da filosofia de um filme está envolvido nessas reviravoltas. Mas tenha coragem — as boas histórias geralmente não são antevistas por esse conhecimento prévio. Se você exige inocência total das tramas dos filmes que pretende ver, então pule diretamente para a discussão desses filmes quando você a encontrar.

Bem, esta é uma “introdução à apreciação de filmes”. O que vem a seguir é uma confissão de um roteirista. Tentarei mostrar como nós, os contadores de histórias, tentamos influenciar você, o espectador, com nossas visões de mundo.

Você é um glutão cultural ou um anoréxico cultural?

Faça essas perguntas a si mesmo para desafiar o seu crescimento pessoal.

Glotonaria cultural

1. Você vê todo filme que lhe interessa sem antes considerar se o assunto tratado é apropriado?
2. Você acha que filmes e programas de televisão são apenas formas de diversão que não apresentam nenhuma mensagem?
3. Quantas horas você gasta por semana vendo TV e filmes?

Compare esse tempo com o tempo que você gasta lendo a Bíblia ou outro material de cunho espiritual.

4. Quantas vezes você já viu um filme e mais tarde veio a perceber que ele ofendia suas convicções ou maneira de ver o mundo?

Anorexia cultural

1. Você considera todos os filmes de forma generalizada como “mundanos” ou vê qualquer representação de pecado como algo errado, sem se preocupar com seu contexto?

2. Você é incapaz de apreciar algo bom em um filme por causa das coisas ruins que vê nele?

3. Você considera arte e diversão uma perda de tempo e por isso passa todo o seu tempo livre envolvido em atividades “espirituais”?

4. Quantas vezes você foi incapaz de interagir com as pessoas à sua volta por não compreender a experiência cultural delas?